

## Laboratório de Ensino

“RECALQUE” (1915)

Manuella Itapary Ribeiro Moreira (Graduada em Psicologia pela PUC-Rio - IC)

Flávia Lana Garcia de Oliveira (Doutoranda em Teoria Psicanalítica pela UFRJ – Bolsa CAPES no Brasil e Bolsa doutorado sanduíche FAPERJ – Université Paris-Diderot Paris 7)

Uma das vicissitudes que o impulso pulsional pode sofrer é o recalque. Freud examina esse processo de modo pormenorizado em “O Recalque”, de 1915. Nesse artigo, Freud se pergunta “*Por que deve um impulso pulsional sofrer uma vicissitude como essa?*” (FREUD, 1915a/1996, p. 151). Define esse mecanismo a partir da ação de uma resistência que procura tornar as forças pulsionais inoperantes. Freud considera este como o principal destino das pulsões a partir da clínica de seu tempo. Um dos efeitos fundamentais do recalque é que a finalidade da pulsão passa a gerar desprazer no lugar do que outrora era experimentado como prazer. Porém, como seria possível a satisfação de uma pulsão gerar desprazer? Sabemos pelo conhecimento metapsicológico da teoria das pulsões que a descarga pulsional é sempre produtora de satisfação (FREUD, 1915b/1996). A mudança na finalidade deve se dar, portanto, por outros fins e de outras elaborações. Freud localiza que existe algo de irreconciliável entre o prazer liberado pela satisfação da pulsão e o desprazer que essa mesma satisfação provocaria em outras instâncias psíquicas. Para que o recalque ocorra, é necessário que a força motora do desprazer adquira maior intensidade do que o prazer obtido pela satisfação. Esse duelo de forças não está presente desde sempre. O recalque só se instaura na medida em que ocorre uma cisão psíquica entre a atividade mental consciente e a do inconsciente. Assim, enquanto defesa, o recalque consiste justamente em afastar algo da consciência. Sobre esse modo de defesa do ego, podemos dizer que outros manejos menos refinados já estavam presentes antes do recalque, como Freud esclarece em “Pulsões e Seus Destinos”, como a reversão ao seu oposto e o retorno para o próprio eu do indivíduo, ambos presentes numa fase ainda narcísica de constituição egoica (FREUD, 1915b/1996).

Esse momento da obra freudiana é orientado pela perspectiva da primeira topologia do aparelho psíquico. Aqui o recalcado e o inconsciente se equiparam. Freud apresenta a suposição de um recalque primevo ou primeiro, que seria um primeiro tempo do recalque. Essa fase consistiria em negar a passagem para a consciência do representante psíquico da pulsão. Com isso se estabeleceria uma fixação, por meio da qual o representante em questão permanece inalterado e a pulsão ali permanece concentrada. A segunda fase do recalque seria a do recalque propriamente dito, que afetaria os derivados mentais dos representantes recalcados ou ainda os resquícios de pensamentos ligados a esses. Essa cadeia de associações que se referem e são atraídas ao núcleo recalcado acabam por sofrer o mesmo destino daquilo que foi primeiramente sucumbiu sob o recalque.

O recalque, portanto, interfere diretamente no dinamismo psíquico pela pressão que exerce na tentativa de evitar a aproximação de qualquer material inconsciente na consciência. Porém, Freud alerta que esse material inconsciente não jaz silenciado, mas, ao contrário, é potencializado a ponto de adquirir mais força e maior organização. Essa luta definirá o conflito próprio à estrutura neurótica. É impossível supor que o recalque seja um mecanismo capaz de erradicar todos os restos da satisfação inconsciente da consciência. Freud sublinha que se os derivados do recalque originário se tornarem bastante distorcidos e distantes de sua origem, eles então conseguirão passar pela barreira do recalque. Durante o tratamento analítico, a associação livre teria a função de restabelecer a cadeia de pensamentos inconsciente sob a qual o recalque se firmou para, assim, abrir possibilidades de uma nova apropriação desses representantes. Algumas vezes é possível notar que o conteúdo dessas associações se torna tão óbvia que é necessária uma nova tentativa de recalçamento.

Os sintomas neuróticos são, nessa lógica, definidos como derivações do recalcado que conseguem alcançar a consciência por meio de distorções cuja cifra é a das leis que regem o inconsciente. De outra forma, esse acesso lhe permaneceria negado. O material inconsciente que chega à consciência graças a essas transformações e reversões acaba perdendo alguma de sua intensidade de grau de satisfação pulsional. Assim, essa perda de satisfação pulsional

é o preço a ser pago para que um representante pulsional possa atravessar a barreira do recalque.

O exemplo do chiste, da tirada espirituosa, é levantado por Freud como revelador desse caráter incompleto do recalque. Neste caso, opera uma mudança no que provocaria o desprazer, que passa a ser temporariamente sentido como prazer. Assim, além de individual, Freud ressalta que o recalque diz respeito a um funcionamento amplamente móbil:

“O processo do recalque não deve ser encarado como um fato que acontece uma vez, produzindo resultados permanentes, tal como, por exemplo se mata um ser vivo, que a partir de então, está morto; o recalque exige dispêndio persistente de força, e se esta viesse a cessar, o êxito do recalque correria perigo, tornando necessário um novo ato de recalque” (FREUD, 1915a/1996, p. 154).

Freud sublinha que, por essa razão, a manutenção do recalque acarreta um enorme e constante dispêndio de forças. Essa manutenção decai no estado do sono, o que torna-se fundamental para a experiência alucinatória de realização de desejo que se estabelece com a formação dos sonhos. Mas com o retorno do estado de vigília, ocorre o restabelecimento da barreira forte e atuante do recalque.

Freud se refere ao recalque como um mecanismo que age sobre o representante pulsional, entendendo esse representante como uma ideia ou grupo de ideias catexizadas por uma quota definida de energia psíquica. No entanto, a observação clínica permitiu notar que, além da ideia, outro elemento da pulsão precisa ser levado em conta e que esse elemento passa por outros destinos bem diferentes dos experimentados pelas ideias. A expressão “quota de afeto” foi adotada por Freud para representar esses elementos do representante psíquico. Essa quota de afeto se aproxima da pulsão na medida em que se distancia da ideia e ganha expressão em processos que serão vividos como afeto. Assim, torna-se importante, para Freud, diferenciar o que acontece com a ideia recalçada e com o afeto vinculado a ela. Quanto à ideia, Freud afirma que passa pelo destino geral de desaparecimento da consciência. Já o fator quantitativo pode sofrer outros destinos: a pulsão pode ser inteiramente suprimida, de modo que não se encontre qualquer destino dela; ou aparece como afeto que é qualitativamente colorido; ou ainda, pode ser transformado em ansiedade.

A principal função do recalque seria a fuga ao desprazer. Por isso, para Freud, a quota de afeto pertencente ao representante pulsional é muito mais importante do que a ideia, já que se torna fator decisivo para a imposição do recalque. Por vez, se um recalque não conseguir impedir que surjam sentimentos de desprazer ou de ansiedade, podemos dizer que falhou, ainda que possa ter alcançado seu propósito quanto a parcela ideacional. Na prática clínica com as neuroses, Freud se confrontou com os resultados sintomáticos do mecanismo do recalque. No que diz respeito aos efeitos do recalque sobre a parcela ideacional do representante da representação, Freud destaca que esse processo dá início à atividade de criação de *formações substitutas*. Segundo Freud, o recalque deixa sintomas em seu rastro. Para Freud, tanto as chamadas formações substitutas quanto o recalque são retornos do recalçado. Aprofundando essa temática, Freud aponta que: (1) O mecanismo do recalque não coincide com o mecanismo das formações substitutas; (2) Existem numerosos e diferentes mecanismos de formações substitutas; e (3) Ambos os mecanismos se caracterizam por uma retirada da catexia de energia (ou de libido quando falamos de pulsões sexuais).

Para uma melhor elucidação sobre o processo de recalçamento, Freud mostra como ele atua nos diferentes tipos de neuroses. No campo da histeria de angústia, um caso de fobia animal é utilizado por Freud para exemplificar como aqui a pulsão sujeita ao recalque é uma atitude libidinal para com o pai, aliado ao medo dele. Após o recalque desse impulso, ele desaparece da consciência: o pai perde seu lugar de objeto de investimento libidinal. O animal aparece então como um substituto do pai, que se presta de uma forma capenga a ser um objeto de angústia. A formação do substituto para o representante pulsional da ideia ocorreu por

deslocamento ao longo de uma cadeia individual de conexões. A parcela quantitativa de afeto ligado a ideia original não desapareceu, mas foi transformada em angústia. O resultado sintomático é o medo do animal, manifestação que emerge da consciência em lugar da exigência de amor feita aos pais. O que há de comum aqui entre o recalque e a formação substituta é que ambas são sempre destituídas de êxito, uma vez que o prazer, através da angústia, permanece presente, ainda que de modo distorcido e paradoxal. A formação da fobia funciona como uma tentativa de fuga e de uma tentativa de impedir a liberação de angústia.

Já no quadro de histeria de conversão, Freud adota uma nova perspectiva. O ponto principal reside, segundo sua teorização, na tentativa de provocar um desaparecimento total da quota de afeto. Quando isso ocorre, o paciente exibe em relação ao seus sintomas aquilo que Charcot chamou de *la belle indifférence des hystériques*. O que mais caracteriza a histeria é que o conteúdo ideacional é totalmente retirado da consciência. Como um substituto, e ao mesmo tempo como um sintoma, emerge, de acordo com Freud, a conversão somática. Essa conversão ocorre através do mecanismo de condensação, que atrai para si toda a catexia da representação pulsional. Na histeria de conversão, o processo de recalque é concluído pela formação do sintoma. Desse modo, a ideia é totalmente retirada da consciência, mas o afeto ligado a ela fica solto até se concentrar em uma parte do próprio corpo da histérica.

Uma terceira perturbação pode ser elucidada abrange os casos de neurose obsessiva. Nesse momento Freud se atenta sobre qual representante pulsional devemos levar em consideração quanto ao recalque. Esse representante se trata na verdade de uma tendência libidinal ou hostil. Essa dúvida surge porque a neurose obsessiva tem por base uma regressão ao qual uma tendência sádica foi substituída por uma afetiva. É esse impulso hostil contra alguém que é amado que instaura o recalque. O efeito numa fase inicial do recalque é bem diferente do que se observa posteriormente. De início o recalque é totalmente cercado de êxito, o conteúdo ideacional é afastado, fazendo com que o afeto desapareça. Como formação substituta, surge no ego uma alteração sob a forma de maior consciência, quase não podendo ser entendido como sintoma. Sua particularidade encontra-se no fato de que, nessa estrutura clínica, substituto e sintoma não coincidem. Diferente dos outros dois casos, em que o recalque ocasionou o afastamento da libido, ocorreu não o afastamento mas uma formação da reação para atingir esse propósito. Podemos dizer então, que formação de um substituto e o recalque no fundo coincidiram, ao passo que cronologicamente e conceitualmente são diferentes de um sintoma. Assim o recalque que inicialmente foi bem sucedido, não se firma. A ambivalência que permitiu que o recalque ocorresse através da formação de uma reação constituiu também o ponto de onde o recalque consegue retornar. Freud assinala que a emoção que estava desaparecida retorna, de forma transformada, como angústia social, moral e autocensura. A ideia rejeitada foi substituída por um substituto de deslocamento, frequentemente por algo indiferente ou sem importância para o sujeito. O retorno do fator afetivo acarreta nas evitações e nas rígidas proibições típicas da neurose obsessiva, pondo em jogo todo o mecanismo de fuga já estabelecido. A rejeição da ideia afastada da consciência entretanto é mantida, o que provoca um aprisionamento motor do impulso. Assim, Freud vai enfatizar que, na neurose obsessiva, mais do que na histeria, o trabalho do recalque se prolonga numa luta estéril e interminável.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

FREUD, S. (1915a). Recalque. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, S. (1915b). As pulsões e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.